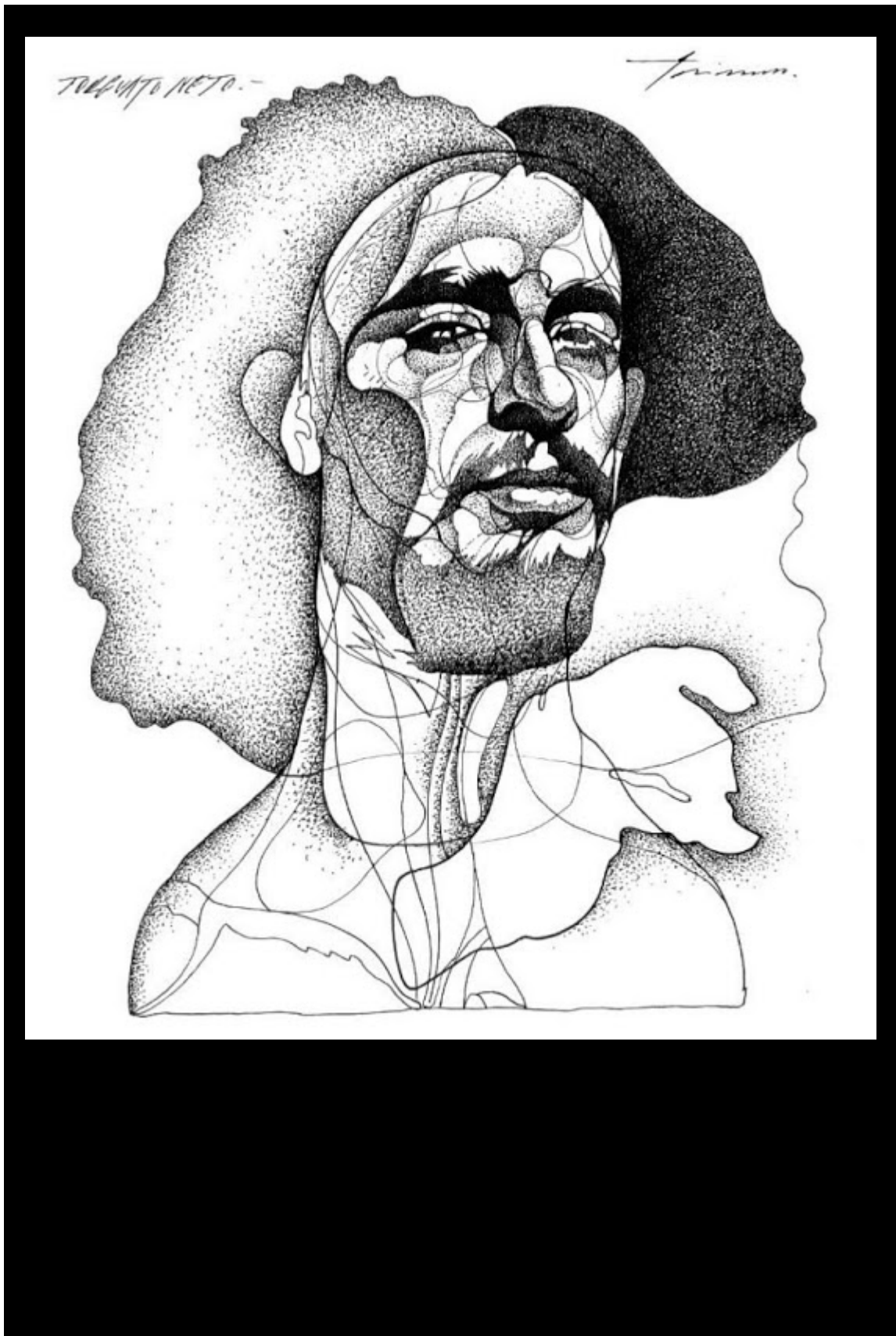


TORQUATO NETO, O NOSFERATU TROPICALISTA



para Morvan

Na madrugada de 10 de novembro de 1972, a morte foi ao encontro do letrista e poeta piauiense **TORQUATO NETO** em um pequeno apartamento no bairro carioca da Tijuca, em que ele vivia com a ilheense Ana Maria e o filho Thiago, de apenas três anos. Planejando o enigmático suicídio, deixou um confuso bilhete com letras desiguais e frases entrecortadas, rabiscado em três folhas de caderno espiral: “Tenho saudade como os cariocas do tempo em que eu me sentia e achava que era um guia de cegos. Depois começaram a ver e enquanto me contorcia de dores o cacho de bananas caía. De modo q FICO sossegado por aqui mesmo enquanto dure. Pra mim chega! Vocês aí, peço o favor de não sacudirem demais o Thiago. Ele pode acordar”. Tudo aconteceu em um dia depois do seu aniversário e após uma longa série de tentativas malogradas. Drogado e embriagado, o poeta acabara de voltar de uma ronda pelas boates da zona sul - numa delas assistiu a um filme cinemascópico de Rogério Sganzerla -, e assim que a esposa adormeceu, trancou-se no banheiro, vedou as entradas de ar e ligou o gás do aquecedor. Tinha 28 anos de idade.

Nem santo nem monstro, apenas uma figura fragmentada, ele deixou uma obra original que se resume em alguns poemas e trinta letras para canções de Edu Lobo, Jards Macalé, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Geraldo Vandré etc. Atuou também em filmes experimentais, foi crítico de cinema, roteirista, produtor cultural, repórter de uma agência de notícias carioca e músico. De sensibilidade latente e rebeldia romântica, era complicado, culto, meigo, provocativo, exaltado e auto-destrutivo, combinando inteligência precisa e poética aguda, resultando numa criação singular, mas as suas crises de melancolia e insatisfação o fizeram eliminar boa parte de sua produção literária. Em 1973, o poeta baiano Waly Salomão e a viúva Ana Maria Silva reuniram em “Os Últimos Dias de Paupéria” a produção intelectual de **TORQUATO**: artigos publicados ou inéditos, fragmentos do diário sobre a passagem do autor pelo hospício e poemas. Acompanhava um compacto com quatro músicas e comentários de Décio Pignatari, Hélio Oiticica, Haroldo e Augusto de Campos. Esse livro tornar-se-ia uma espécie de bíblia da chamada poesia marginal dos 70. Nele, a desenvoltura, a inquietação e a luminosidade do poeta.



torquato, caetano e capinam

Nascido em 9 de novembro de 1944, em Teresina, Piauí, numa família abastada, ele leu toda a obra de Shakespeare aos doze anos e dela tirava conceitos, discutindo-os com os amigos. Magro, pálido, de pés grandes e mãos longas, possuía uma certa sensualidade que nem mesmo os excessos alcoólicos conseguiam ocultar. Escrevendo compulsivamente, preenchia dezenas de cadernos com poemas e reflexões. Decidindo estudar o científico em Salvador, conheceu Gilberto Gil e os irmãos Caetano Veloso e Maria Bethânia. Na época, a capital baiana vivia grande agitação cultural, de Glauber Rocha a Lina Bo Bardi, de Othon Bastos a Jurema Penna, impulsionando um excepcional ambiente artístico. Irreverente, **TORQUATO** foi expulso da escola de padres, mudando-se para o Rio de Janeiro em 1963, onde deu corda ao desbunde existencial em plena efervescência dos festivais de música. Admirando Carlos Drummond de Andrade e Nelson Rodrigues, costumava segui-los nas ruas, sem se deixar perceber, num prazeroso ritual secreto. Na mesa de um bar, o botequim “Mau Cheiro”, no Arpoador, conheceu sua futura mulher, Ana, uma garota inteligente e de personalidade forte com quem viveria cinco anos, mas sem desprezar outras experiências sexuais.



gil, ana maria e torquato

A **TROPICÁLIA** renovou a música popular brasileira, num reinado com conceitos hippies, encontros nas “Dunas do Barato” em Ipanema, Gal Costa como musa, Arembepe, garotas de minissaia, rapazes cabeludos, erva e ácido. O designer Rogério Duarte nomeou o espírito dessa época como “Apocalipopótese”. Nessa doideira, **TORQUATO NETO** passava as noites em claro, andando com um caderno cheio de poemas que um dia possivelmente seria um livro e vestido de maneira tradicional e cafona, transformando-se numa figura pitoresca. Uma de suas manias, copiar frases de para-choque de caminhão - “Não me siga que não sou novela”, por exemplo. Contraditório, freguês de cachaça e tira-gosto gorduroso nos botecos suburbanos e de LSD e champanhe em sofisticadas festanças, travestiu-se jocosamente para o filme “Helô e Dirce”, de Luiz Otávio Pimentel, filmando na Cinelândia e no local de pegação Cine-Hora, mas no dia seguinte mergulhou na fossa, dilacerado pela culpa, como sempre acontecia ao libertar a bissexualidade.

Depois do Show de Gal

TEM dia, amizade, que Deus me livre! Tem gente que Deus me livre. Pelo sinal da Santa Cruz, livrai-nos Deus nosso Senhor dos nossos inimigos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

É FA-TAL, amizade: VIOLETO pintaremos.

VIOLETO, um dia VIOLETO (FA-TAL), VIOLETO correrá por aí em córregos do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O "show" de Gal, amizade. FA-TAL e decisivo, não há drama em nada disso.

O poeta Sailornon não lava as mãos, graças a Deus. E quanta gente cega e derrotada e de mãos bem lavadinhas, amizade. Tudo andando, tudo é pouco, tudo no palco.

Tem que ser: A TODO VAPOR. FA-TAL. VIOLETO sobre VIOLETO.

Como sempre foi: FA-TAL.

Muito normalmente e para sempre FA-TAL.

Até que a morte nos separe, FA-TAL. Até que tudo pinte VIOLETO como é FA-TAL, graças a Deus. Ainda que eu ande pelo vale

Aquêles porém que preservar até mal algum, porque Tu estás comigo. FA-TAL.

Preparas-me uma mesa na presença dos meus inimigos, unges minha cabeça com óleo e o meu cálice transborda. VIOLETO. Preservar a própria vida. FA-TAL. FA-TAL.

→ Mudo é quem só se comunica com palavras.

Palavras do Cristo no Monte das Oliveiras:

"Sereis odiados de tôdas as nações por causa do meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros; levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquêles porém que preservar até o fim, êsse será salvo. E o Evangelho do reino será pregado por todo o mundo, para testemunho de tôdas as nações. Então virá o fim."

FA-TAL e VIOLETO, planos gerais das palavras destaques de Waly Salomão mais Luciano. A TODO VAPOR no "show" com Gal que já pintou. FA-TAL e VIOLETO, viva Deus.



Foto: Ivan Cardoso

25/10/71 — 2.^a feira

De 1968, no álbum "Tropicália ou Panis et Circensis" se encontra a famosa canção "Geléia Geral", com letra-manifesto de **TORQUATO** e melodia de Gilberto Gil. O título teve origem numa expressão pregada por Décio Pignatari, um trocadilho com "Geléia Real". A polêmica coluna de Torquato, com o mesmo título da canção, "Geléia Geral", era um espaço crítico-criativo-poético publicado no jornal "Última Hora", de agosto de 1971 e março de 1972. A linguagem, agressiva e descrente de qualquer função didática, chegou a se dirigir aos leitores com um "Alô, alô idiotas". Nela, ele defendia as manifestações artísticas de vanguarda, divulgava o universo pop internacional e a cena underground brasileira. Militante ferrenho da implantação da contracultura no Brasil, o poeta aproveitou o espaço para abrir fogo contra o Cinema Novo, questionando o comprometimento político dele ao acusá-lo de lacaio de cargos e verbas oficiais, e atacando incansavelmente o debochado "Pasquim". Certa vez ao encontrar Jaguar, um dos humoristas do periódico, arrancou-lhe os óculos, pisou-os e disse: "Um cego não precisa de óculos".



tropicalistas

Como editor, ele fundou o alternativo “Presença” e pouco antes de morrer, junto com Waly Salomão, projetou **NAVILOUCA**, que Caetano Veloso viria a copatrocinar o primeiro e único número como homenagem e reconciliação póstuma. O destemido Waly radiografou o colega como “Astro doido a sonhar. O nosso moço das ânsias. Pobre? Fauve! Fauve? Fraco herói underground. Fraco? Forte herói underground. Leão alado sem juba”. A erudição, o lirismo e a originalidade poética de **TORQUATO NETO** deram uma poderosa contribuição ao Tropicalismo. Tímido, desajeitado, revoltado com o mundo, ferino, emocionalmente abalado e criador em crise, exigiu demais de todos, desejando “muito além do que já houvera feito”. Terminou por se internar no hospital psiquiátrico de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, e em clínicas especializadas para superar o alcoolismo, num total de nove internações por livre e espontânea vontade. “Para se desintoxicar e dar um tempo”, dizia. Sua dor era visível. “Torquato apareceu um dia depois de uma internação em um sanatório com o cabelo completamente tosado, um skin head avant-la-lettre, e eu sofri uma premonição terrível e insuportável de uma ovelha negra tosada se oferecendo ao cutelo do matadouro”, lembra Waly.



chico e torquato

Em 1968, com o AI-5 e o exílio de amigos como Caetano e Gil, viajou pela Europa com o artista plástico Hélio Oiticica, morando algum tempo em Londres. Vivia-se a época da caça às bruxas ao inconformismo político. As forças cegas da ditadura militar não alisavam e os tropicalistas foram considerados como elementos nocivos e subversivos, perigosos para a segurança nacional. Calado, deprimido, recolhido e magoado com a desastrosa viagem a Londres e o rompimento com os baianos no duro exílio, abateu-se ainda mais com as mortes súbitas de Jimi Hendrix (que ele teria conhecido) e Janis Joplin. Ainda assim, incentivou a originalidade do emergente Cinema Marginal e de seus ícones Júlio Bressane, Ivan Cardoso e Rogério Sganzerla. Num super-8 de Ivan Cardoso, “Nosferatu no Brasil”, fez o papel-título, numa brincadeira com o seu apelido na vida real, atuando ao lado de Scarlet Moon de Chavelier. “Ele tinha muita identificação com os vampiros, não gostava de claridade e era elegante como um conde da nobreza”, justificou, mais tarde, o cineasta. De volta a Terezina, em 1971, filmou sob a direção de Carlos Galvão, “Adão e Eva no Paraíso de Consumo”. No mesma época, compôs aberturas e trilhas sonoras de telenovelas populares como “Minha Doce Namorada” e “O Homem que Deve Morrer”, mas terminou brigando com a TV Globo e com o Conselho Nacional de Direitos Autorais.



torquato neto

O amigo Ivan Cardoso dirigiu o documentário “Torquato Neto, o Anjo Torto da Tropicália”, com depoimentos comoventes, entre eles o de Gilberto Gil - “Tenho uma foto dele e Caetano comigo, pendurada na parede. Sempre a vejo. Gosto dele daquele jeito. Meio português, meio campesino. Como aqueles meninos que você vê nos filmes de Buñuel. Parece um daqueles devotos de Lourdes ou de Fátima” - e o de Caetano Veloso, “No período mais próximo da morte dele, vi muito pouco Torquato. Que era uma pessoa que eu via muito. Então você sente uma angústia no sentido que parece que poderia ou deveria ter feito alguma coisa, ter estado perto de algum modo. Mas eu ficava sem ser arrebatado por uma emoção de sentimento, de saudade ou de choro. Até que já alguns anos depois fui a Teresina. Conheci o pai dele, o dr. Hely, ficamos conversando e ele me serviu uma cajuína. Foi quando eu consegui chorar a morte de Torquato”. Haroldo de Campos traduziu-o nesse documentário: “Verlaine escreveu sobre os poetas malditos - que eram aqueles simbolistas rejeitados pela sociedade. E o Torquato tem muito desse aspecto”. Outro poeta, Chacal, num verão de 1972 na Bahia, encontrou “Torquato de olhos e boca vermelhos, cabelos em chamas pela Avenida Sete. Essa foi a imagem que me ficou na cabeça, Torquato pela Sete, vertiginoso, volátil, dando pérolas aos porcos, em sua

geléia geral lisérgica”. Em 1988, a banda Titãs resgatou para o pop contemporâneo o poema “Go Back”, musicado por Sérgio Britto.



torquato

Autor de algumas das mais bonitas letras da nossa música popular, bardo alucinado, vértice tropicalista e um dos nomes mais influentes do panorama cultural de sua época, o nordestino que desatinava e desafinava o coro dos contentes, não segurando a barra dos anos de chumbo, escreveu: “É preciso não beber mais. Não é preciso não sentir vontade de beber e não beber: é preciso não sentir vontade de beber. É preciso não dar de comer aos urubus. É preciso enquanto é tempo não morrer na via pública”. Não conseguiu parar de beber a agonia do mundo, mas **TORQUATO NETO** pôs em curso a poética da resistência cultural. Sua linguagem blasfema e antropofágica fez repensar o Brasil. O terrível é que morreu com asco de sua razão de ser: a literatura. Havia encerrado sua possibilidade poética, perdera a fé nas palavras. Pouco antes do suicídio, distribuiu sua vasta coleção de literatura de cordel, queimou a maioria de seus escritos e quebrou a máquina de escrever, dizendo que nunca mais voltaria a usá-la. E assim aconteceu, vencido pelo desejo de desaparecer da face da Terra.

DE TORQUATO

LET'S PLAY THAT

quando eu nasci
um anjo louco
muito louco
veio ler a
minha mão
não era um anjo barroco
era um anjo muito louco, torto
com asas de avião
eis que esse anjo
me disse
apertando a
minha mão
com um sorriso entre dentes
vai bicho desafinar
o coro dos contentes
vai bicho desafinar
o coro dos contentes
let's play that
Até o fim

MARGINÁLIA II

eu brasileiro confesso
minha culpa meu pecado
meu sonho desesperado
meu bem guardado segredo
minha aflição
eu brasileiro confesso
minha culpa meu degredo
pão seco de cada dia

tropical melancolia
negra solidão

aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo
aqui o terceiro mundo

pede a benção e vai dormir
entre cascatas palmeiras
araçás e bananeiras
ao canto da juriti
aqui meu pano de glória
aqui meu laço e cadeia
conheço na lua cheia
e termina antes do fim

aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo

minha terra tem palmeiras
onde sopra o vento forte
da fome com medo muito
principalmente da morte
a bomba explode lá fora
agora o que vou temer
oh yes nos temos banana
até pra dar e vender
o lê lê lá lá

aqui é o fim do mundo
aqui é o fim do mundo